

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Graziela Rodrigues Tavares Alonso Soares

**ESTUDO DOS ASPECTOS MOTIVACIONAIS NA BIOGRAFIA DE ATLETAS
PARALIMPICOS**

Porto Alegre

2020

Graziela Rodrigues Tavares Alonso Soares

**ESTUDO DOS ASPECTOS MOTIVACIONAIS NA BIOGRAFIA DE ATLETAS
PARALIMPICOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Educação Física pela Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

.
Orientador: Prof. Dr. Frederico Viana Machado

Porto Alegre

2020

RESUMO

O presente ensaio tem como objetivo refletir sobre os aspectos motivacionais determinantes no desenvolvimento de atletas paralímpicos brasileiros, pela perspectiva da psicologia do esporte. Foram analisadas as histórias de dois atletas: Alan Fonteles e Fernando Fernandes. Para a realização da pesquisa, foram utilizados os buscadores nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), Google Scholar, Revista Brasileira de Psicologia do Esporte, Livro Para-Heróis de Joanna de Assis e entrevistas no Youtube. Como resultado da reflexão, pode-se observar que os aspectos que motivaram estes dois atletas, e despertaram-nos a percorrer o caminho do esporte e transformarem suas vidas, advinham da base familiar, inspirando desejos, fazendo-os edificarem a autoconfiança necessária para lançarem-se a metas, objetivos e a manterem-se resilientes nos momentos de dificuldades. Não somente seus familiares, como as demais pessoas que lhes foram importantes durante o processo de desenvolvimento, também parecem ter influenciado-os para que seguissem motivados. Os desejos e aspirações dos atletas foram suas motivações extrínsecas, para gerar a ação em direção as suas conquistas palpáveis. Mas, para que se mantivessem focados em seus propósitos, os valores, a autoestima, a autoconfiança e tudo que é necessário, como força propulsora, advinha do interior de cada um, ativando dessa forma a motivação intrínseca.

Palavras-chave: Atletas Paralímpicos. Psicologia do Esporte. Motivação.

ABSTRACT

This essay aims to reflect on the motivational aspects that are determinant in the development of Brazilian paralympic athletes, from the perspective of sport psychology. They were analyzed as stories of two athletes: Alan Fonteles and Fernando Fernandes. To carry out the research, search engines were used in the Scientific Electronic Library Online (SciELO), Google Scholar, Brazilian Journal of Sport Psychology, Joanna de Assis Para-Heroes Book and inform on Youtube. As a result of the reflection, it can be seen that the aspects that motivated these two athletes, and awakened them to follow the path of sport and transform their lives, came from the family base, inspiring desires, making them build the necessary self-confidence to launch stick to goals, objectives and remain resilient in times of difficulty. Not only their family members, but the other people who were important during the development process, also seem to have influenced them to stay motivated. The athletes' desires and aspirations were their extrinsic motivations, to generate action towards their palpable achievements, but in order to remain focused on their purposes, the values, self-esteem, self-confidence and everything needed as a driving force comes from the interior of each one thus activating an intrinsic motivation.

Keywords: Paralympic Athletes. Sport Psychology. Motivation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
1.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS	7
2 PSICOLOGIA DO ESPORTE	7
2.1 BREVE HISTÓRIA DO ESPORTE ADAPTADO	8
3 ATLETAS PARALÍMPICOS	9
3.1 HISTÓRIAS DE VIDA DOS ATLETAS PARALÍMPICOS	10
3.1.1 Alan Fonteles: O menino sem pernas que queria correr	10
3.1.2 Fernando Fernandes: Superação e coragem.....	13
4 ATLETAS MOTIVADOS PARA VENCER NO ESPORTE E NA VIDA	16
4.1 A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NA MOTIVAÇÃO DOS ATLETAS	16
4.2 ASPECTOS INTRÍNSECOS DA MOTIVAÇÃO	17
4.3 ASPECTOS EXTRÍNSECOS DA MOTIVAÇÃO	18
5 CONCLUSÃO	20
REFERÊNCIAS	21

1 INTRODUÇÃO

O presente ensaio tem como objetivo refletir sobre os aspectos motivacionais determinantes no desenvolvimento de atletas paralímpicos brasileiros, pela perspectiva da psicologia do esporte. Discutiremos esta questão à luz da história de vida de dois atletas de destaque no cenário brasileiro: Alan Fonteles e Fernando Fernandes.

De acordo com Haichi et al. (2016), a prática do esporte por parte de pessoas portadoras de deficiência tem tido uma crescente aderência nos últimos anos. Segundo Melo e Lopez (2002), a busca pela manutenção e qualidade de vida, bem como a integração social, são alguns dos benefícios proporcionados pela prática esportiva, propiciando o autoconhecimento, revelando suas potencialidades por intermédio dos desafios propostos. Estes aspectos são importantes para pessoas com deficiência, pois isso faz do desporto paralímpico um elemento importante para a saúde física e mental e para sociabilidade das PCD.

Com o crescimento do desporto paralímpico, faz-se necessário, maior suporte para esses atletas, de modo que possam se desenvolver, não somente a partir de seus rendimentos físicos, mas também os emocionais. O treinamento psicológico tem como objetivo, entre outras coisas, suprir essas necessidades aprimorando a qualidade nas condições gerais dos indivíduos (SAMULSKI e NOCE, 2002).

Pessoas portadoras de deficiência buscam por seus espaços dentro do ambiente social, seja no trabalho, relacionamento com amigos, familiares, e momentos propícios de lazer, rompendo com suas limitações não somente físicas, mas também psíquicas e emocionais (CARVALHO, 2016).

Refletir quanto aos fatores motivacionais de tais atletas pela perspectiva da psicologia do esporte proporcionará, para treinadores, professores e profissionais da área esportiva, um trabalho mais efetivo e inserção ainda maior de indivíduos que talvez ainda não tenham experienciado a prática de algum esporte. Este trabalho busca contribuir com esta discussão.

1.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este ensaio compreende uma reflexão, sobre os aspectos motivacionais de atletas paralímpicos, considerando a história de vida de dois atletas brasileiros. Estas histórias de vida que serão o foco da reflexão, foram escolhidas por terem sido parte de um estudo realizado no período de minha primeira graduação em Licenciatura Plena, das quais me oportunizaram grande aprendizagem com seus exemplos de superação. Foram utilizados os buscadores nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), Google Scholar, Revista Brasileira de Psicologia do Esporte, Livro para Heróis de Joanna de Assis e entrevistas no Youtube.

A jornalista Joanna de Assis, ao escrever o livro PARA-HERÓIS (2014), buscou elucidar as motivações de tais vivências e o resultado deste abnegado esforço por intermédio do esporte, para que pudessem inserirem-se de forma digna na sociedade, ultrapassando os medos, inseguranças, preconceitos dos quais não são somente externos, mas que estes indivíduos lutam para cultivar suas forças internas e seus potenciais, não limitando-se no que lhes faltam.

Assim como as demais entrevistas concedidas por parte dos atletas nos canais no Youtube e revista esportiva nos faz refletir sobre a importância do esporte em suas vidas e a abnegada luta por compartilhar suas histórias para inspirar outras pessoas.

Para a investigação da pesquisa, foram utilizadas histórias de vida do livro Para-Heróis de Joanna de Assis, Revista online em Dia e entrevistas concedidas para os canais do Youtube: Comitê Paralímpico Brasileiro, Secretaria Especial do Esporte, Caixa, APC Campinas, Geronimo Theml, Trip TV e Vida de Atleta.

2 PSICOLOGIA DO ESPORTE

A psicologia do esporte faz parte das ciências do esporte Rubio (2002). É uma disciplina interdisciplinar, que se alimenta de contribuições da antropologia, filosofia, sociologia do esporte na área sociocultural, abarcando também a medicina, fisiologia, e biomecânica do esporte (RUBIO, 1999).

A disciplina surge, em meados da década de 20, com pesquisas relacionadas ao movimento, esporte e competências socioemocionais. Na mesma época devido a

relevância dos estudos, surgem os primeiros laboratórios de pesquisa e institutos nesse campo. Em 1925 foi criado o primeiro laboratório nos Estados Unidos, por Coleman Griffith, ficando conhecido como o pai da Psicologia do esporte (VIEIRA et al., 2010).

No Brasil o marco da psicologia do esporte é considerado a partir de 1958, quando João Carvalhaes, foi chamado para atuar com seu conhecimento em psicologia no São Paulo Futebol Clube (Rubio, 1999; Rubio, 2007). Após esse período houve grande expansão na área, ocorrendo ampliação para outras modalidades e a fundação da Sociedade Brasileira de Psicologia do Esporte, da Atividade Física e da Recreação (SOBRAPE), em 1979 (CARVALHO, 2016).

No que se refere as competências do profissional de Psicologia do esporte e sua importância no campo de atuação, lhes cabe dar suporte aos dirigentes, técnicos, atletas e toda equipe envolvida dentro do processo preparatório do esporte. Propiciando a identificação das dificuldades e fatores, que impedem ou permitam o desenvolvimento do comportamento humano. Isso inclui os aspectos motivacionais, compreensão de fatores estressores, aspectos emocionais, e tudo que compõe o indivíduo em sua totalidade. Sendo este profissional um agente que contribui na transposição de barreiras e possíveis dificuldades dos sujeitos, proporcionando aos indivíduos ferramentas que os levem ao autoconhecimento, identificando os elementos que dificultam o desempenho de suas potencialidades ao máximo (CARVALHO, 2016).

2.1 BREVE HISTÓRIA DO ESPORTE ADAPTADO

Com os ferimentos causados nos soldados sobreviventes pós I Guerra Mundial, o esporte adaptado surge como ferramenta de reabilitação e reinserção social destes indivíduos. Mas foi no ano de 1944 que o Dr. Ludwig Guttman inaugura o centro de traumas medulares dentro do hospital Stoke de Mandeville, que segundo os historiadores, é a partir deste ponto que surgem as pesquisas e materiais de referência para o objeto de estudo, formando a base do esporte Paralímpico (MELO e LÓPEZ, 2002).

Segundo Costa e Souza (2004), com a utilização do desporto a partir deste momento com caráter médico, surgem duas vertentes, uma já mencionada como

reabilitação pelo britânico Guttman e a outra utilizada como um meio de inserção social nos Estados Unidos.

Oficialmente no Brasil, o esporte adaptado tem seu desenvolvimento com a fundação do Clube dos Paraplégicos em São Paulo e o Clube do Otimismo no Rio de Janeiro em 1958.

O movimento do desporto adaptado passou por períodos de intencionalidade distintos. Inicialmente com base de propiciar uma melhor recuperação para portadores de deficiência adquirida, passando a abarcar pessoas de deficiência congênita, para uma maior inserção social de ambas, passando para o ambiente educacional (ARAUJO, 1996).

3 ATLETAS PARALÍMPICOS

Para entendermos a condição de um atleta paralímpico, faz-se necessário a compreensão da definição de pessoa com deficiência, segundo a legislação brasileira.

Art.2º do Estatuto define como pessoa com deficiência aquela que possui “[...] impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode, obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.” (BRASIL, 2015, Art. 2º).

Perante tal condição limitante muitas pessoas, buscam no esporte, a inserção, reabilitação e manutenção de sua saúde, física e mental. Dentre estes é no esporte de forma profissional que encontram uma identificação e reconhecimento social, para além de suas limitações, tornando-se referências de motivação e superação. (FERREIRA, 2015).

A oportunidade que as pessoas com deficiência tiveram de inserirem-se no desporto adaptado competindo como atleta ocorreu no ano de 1960, quando se deu a primeira edição dos jogos Paralímpicos na cidade de Roma, Itália. (CPI, 2020). A estreia do Brasil se deu alguns anos mais tarde em 1972 na Alemanha Ocidental e a primeira medalha foi conquistada pelo atleta Robson Sampaio de Almeida e Luiz Carlos na modalidade Lawn Bowls, predecessora da bocha, em 1976, nos jogos de Toronto. (CPB, 2020).

Mas foi em 1948 na cerimônia de abertura dos jogos olímpicos de Londres que o Dr. Ludwig Guttman organizou uma competição em cadeiras de rodas. No

torneio de tiro com arco os competidores eram militares, homens e mulheres com algum tipo de lesão. Surgindo assim os primeiros atletas paralímpicos. (CPI, 2020).

Atletas paralímpicos encontram em sua jornada na inserção esportiva, diversas dificuldades. Além de terem que vencer suas próprias limitações impostas pela deficiência, a dificuldade financeira, a acessibilidade, locais adequados para treinos, também realizam função de resistência na luta para ultrapassar barreiras e evidenciar suas potencialidades. Mesmo com tamanhas dificuldades ainda sentem-se fortes, determinados e motivados a seguir em frente. (HAIACHI et al., 2016).

A motivação destes indivíduos para inserirem-se na prática esportiva e a busca pela profissionalização possuem distintas variáveis. Algumas se destacam, como por exemplo: a busca por autonomia, sensação de pertencimento, mudanças econômicas. Busca de uma identidade que não seja focada em suas limitações, mas sim nas potências, realização pessoal etc. (SAMULSKI e NOCE, 2002).

De acordo com Weinberg e Gould (2017), não seria somente o resultado final, a aclamação, os aplausos, que impulsionam a motivação para a realização, competitividade e a energia dirigida ao objetivo esportivo, mas os desdobramentos no processo, os ganhos emocionais em cada etapa vencida, são fatores que causam grande efeito na dedicação.

3.1 HISTÓRIAS DE VIDA DOS ATLETAS PARALÍMPICOS

As histórias e narrativas de atletas paralímpicos são transbordantes, de emoções, significados de valores que arrisco-me a dizer que até mesmo filosóficos, pois estes, ao depararem-se com suas deficiências, buscaram uma forma de atribuir significados que pudessem sobrepor as dificuldades trazendo um propósito de vida que contribuísse não apenas com suas próprias trajetórias, mas que com suas superações pudessem inspirar outros indivíduos.

3.1.1 Alan Fonteles: O menino sem pernas que queria correr

Alan Fonteles nasceu em 1992, perdeu suas pernas ainda bebê com apenas 21 dias de vida, quando devido uma infecção intestinal que já apresentava septicemia e fora diagnosticada tardia, ele estava sendo tratado como se os sintomas fossem virose. (ASSIS, 2014).

A família muito pobre vivia em Canaã dos Carajás, interior do Pará. Nesta época, no município, não haviam hospitais. A família passou por diversas dificuldades para conseguir viajar até um hospital que tivesse estrutura para atender Alan. O médico que lhe operou conseguiu preservar os joelhos, algo que poderia fazer toda diferença em seu futuro e fez. Mas esse não foi o único desafio de Alan para sobreviver, no dia em que receberia alta, foi diagnosticado com pneumonia severa, algo que para um recém-nascido após ter passado por uma cirurgia de risco, seria pouco provável que sobreviveria, mas como o médico que lhe atendeu disse aos seus pais, que se ele conseguisse sobreviver era sinal que tinha uma grande missão na vida. (ASSIS, 2014).

Os pais de Alan tinham muitas dúvidas de como criar uma criança com tais limitações, mas fizeram uma promessa de que o filho em momento algum usaria uma cadeira de rodas. (APC CAMPINAS, 2020).

Sua primeira prótese foi de madeira, começou a usá-la com nove meses. Quando Alan completou dois anos fez a troca da prótese e na sua sessão de fisioterapia fez um pedido, queria um picolé. Sua mãe fez uma brincadeira dizendo a ele para buscar e em um movimento impressionante Alan girou seu tronco e fez menção de dar um passo. A partir desse momento os médicos passaram a usar essa técnica para desenvolver seus movimentos, deixando suas chupetas e picolé em um local que ele próprio devesse buscar. Sem ter consciência do que estava fazendo e de forma instintiva e natural ele começou a caminhar para alcançar seus objetos de desejo. (ASSIS, 2014).

Mesmo utilizando as próteses de madeira, Alan brincava com seus amiguinhos e até fazia algumas “artes” como qualquer outra criança que tinha as duas pernas, conseguia correr e pular muro. (APC CAMPINAS, 2020).

Aquela mãe simples de pouco estudo, seguiu seus instintos para que seu filho se desenvolvesse da melhor forma, sempre atenta para que ele não se machucasse, mas fingia não estar olhando, para que ele pudesse se sentir livre e desenvolvesse sua própria autonomia e confiança. Apesar de ele ter os joelhos preservados não pôde engatinhar devido aos calos que se criavam no coto e geravam muitas dores, os ossos do tornozelo cresciam nessa parte e ele precisou submeter-se a inúmeras cirurgias. (ASSIS, 2014).

A paixão pelo atletismo veio com oito anos de idade, quando pediu para sua mãe para ir para a pista praticar o esporte ao observar que seus amiguinhos

estavam lá. A resposta de Dona Cláudia, sua mãe, foi um não de imediato, mas refletiu e viu que o filho era decidido e queria muito. Procurou Suzete Montalvão, a primeira corredora paraense a ganhar uma olimpíada, no ano de 1988 em Seul. Especialista numa das provas mais difíceis, a de 400m. Após deixar as pistas como corredora passou a treinar jovens no atletismo. Alan foi seu maior desafio, pois nunca havia treinado uma criança com deficiência. (ASSIS, 2014).

O que chamava a atenção é que aquele menino com tão pouca idade sabia o que queria e seu ídolo Robson Caetano um dos principais nomes do atletismo era sua inspiração. Logo o menino passou a chamar a atenção e diversas reportagens foram feitas e ao ser perguntado de seu maior sonho sua resposta era bem objetiva, queria ter condições de disputar uma Paraolimpíada. (ASSIS, 2014).

A resiliência de Alan Fonteles sempre foi uma característica marcante, mesmo não tendo próteses apropriadas, precisando treinar, com as de madeira pesadas e desconfortáveis, ele nunca reclamava e não via aquilo como obstáculo. Suportava as dores e os cotos sangrando ao final de cada treino, não se vitimava, nem mesmo cogitava em parar. Mesmo correndo com as próteses pesadas, destacava-se, vencendo todas as competições paralímpicas do Norte-Nordeste, assim foi descoberto por, Ciro Wrinkler, coordenador de atletismo do comitê Paralímpico Brasileiro, quando estava com 14 anos de idade. (ASSIS, 2014).

Sua lâmina especial de corrida foi ganha em 2006, e o menino resiliente passou a voar nas pistas. Em 2007 participou do seu primeiro desafio internacional, nos Estados Unidos, Campeonato Mundial de jovens, vencendo os 100m, 200m e garantindo o bronze nos 400m. (APC CAMPINAS, 2020).

O sonho do menino foi realizado em Pequim, sua primeira Paraolimpíada e também a primeira vez utilizando a prótese “Cheetah”, lâmina essa que foi desenvolvida nos anos 90 por Van Philips. Devido á um acidente no esqui aquático, sua perna foi decepada abaixo do joelho, motivando-o á não ficar utilizando as desconfortáveis próteses de madeira. Aos 21 anos desenvolveu a “Cheetah”, que significa Leopardo em inglês. A prótese proporcionava maior funcionalidade, seu formato em C, imita os pés do felino, dando o impulso necessário, do qual o corpo humano faz de forma dinâmica e natural usando as articulações. (APC CAMPINAS, 2020).

O consenso que todos que cuidaram, treinaram e habilitaram Alan, foi que ele era rápido por sua genética e precisava apenas ser devidamente instrumentado com

equipamentos adequados e tudo que veio deste paratleta depois, advinha de sua personalidade, forte, destemida e resiliente. (SECRETARIA ESPECIAL DO ESPORTE, 2013).

Alan desenvolveu uma técnica para a largada, da qual somente ele consegue fazer, ele apoia a perna direita no pedal ficando a esquerda na pista. Toca ao solo com a mão direita, deixando a esquerda suspensa no ar. Quando em Lyon no Mundial em 2017, um americano tentou fazer o mesmo, acabou caindo com o rosto no chão. (ASSIS, 2014).

Para chegar a excelência de sua performance, os treinos são exaustivos, em torno de 8 horas diárias, realizando saltos, corridas, treinamento de musculação, fisioterapia, chamado assim de trabalho de base. Todo esse treino leva á muitas dores, devido ao impacto das próteses no osso, provocando sangramento. O seu técnico Amauri Veríssimo, pegava pesado, pois confiava totalmente no potencial de Alan e sabia que ele poderia romper limites, isso o levou a avançar cada vez mais para se consagrar um fenômeno do atletismo. (ASSIS, 2014).

Na paraolimpíada de 2012 em Londres, o favoritismo era do atleta sul-africano, Oscar Pistorius, recordista mundial das três distâncias. Pistorius era uma inspiração e muito admirado pelo atleta brasileiro. Mesmo assim, Alan não se intimidou e partiu para a briga, vencendo o atleta sul-africano na reta final, causando espanto, em todos, inclusive do próprio Pistorius que ficou claramente inconformado com a derrota, chegando a ser rude com Alan no cumprimento pós prova. O paratleta criticou as próteses de Alan falando dos tamanhos que seriam cinco cm mais altas, mas existe regulamento para o uso das próteses e estava tudo correto. Mas isso só serviu para encorajá-lo, a seguir e ir cada vez mais longe.

“Alan Fonteles fez muito mais do que ser campeão, ganhou muito mais do que medalhas e troféus. Alan derrubou a imagem de “coitadinho” dos amputados. Colocou no lugar da carinha triste das pessoas uma sedução pelo conceito de homem biônico, um super-humano, que fascina cada vez mais as novas gerações.” (Joanna de Assis, pag. 37)

3.1.2 Fernando Fernandes: Superação e coragem

A história de Fernando Fernandes, diferentemente do menino Alan, que cresceu sem as pernas, ele teve seus sonhos interrompidos por um acidente de

carro, sofrendo uma lesão em sua medula espinhal que lhe deixou paraplégico. (REVISTA EM DIA, 2012).

Fernando sempre foi um apaixonado por esportes, e segundo ele, praticava todos os esportes possíveis, mantendo diversos repertórios, até se profissionalizar aos 17 anos após ter passado por diversas categorias de base no futebol. Como estava em idade de prestar os serviços militares, ingressou no exército interrompendo sua carreira como atleta, até os 19 anos. Morou na Califórnia onde trabalhava como modelo profissional, mas matinha suas atividades paralelas com o esporte. Ao regressar ao Brasil passou a se dedicar ao Boxe seguindo este caminho por um longo período simultaneamente aos seus trabalhos como modelo. (REVISTA EM DIA, 2012).

Em 2002, foi convidado a participar da segunda edição do Big Brother Brasil, permanecendo no programa por três semanas. Quando saiu decidiu estudar teatro e mudar-se para o Rio de Janeiro, participando posteriormente, do elenco de três peças teatrais, que de acordo com as palavras de Fernando, este seria o novo rumo de sua carreira. Apesar dos investimentos na carreira como ator, seguiu lutando Boxe chegando a ganhar o título de campeão carioca amador e começou sua graduação em Educação Física. (FERNANDES, 2011).

A vida do Jovem parecia estar seguindo os rumos dos quais ele mesmo delineou, mas no dia 04 de Julho de 2009, aos XX Anos, todo esse futuro promissor e planos foram interrompidos por um acidente de carro, do qual Fernando conta ter dormido ao volante e ter acordado já no hospital sem entender o que estava acontecendo, recebendo posteriormente a notícia de que havia sofrido uma lesão medular que o impossibilitaria andar. Após esse momento ele diz ter sido necessário ressignificar sua vida, encontrar um plano “B”, afinal tudo daquilo que ele se dedicava anteriormente ao acidente, eram dependentes do corpo. (THEML, 2019).

Ele iniciou seu tratamento de reabilitação no hospital Sarah Kubitschek, local que usa o esporte de forma lúdica para atender os pacientes. Durante o tratamento, ao andar com a cadeira de rodas e por ter conhecimento dos esportes adaptados, Fernando questionou-se se seria possível, correr com a cadeira de rodas, competir e viver do esporte, foi quando que com três meses de reabilitação passou a treinar para correr a São Silvestre. Em uma de suas entrevistas, ele conta que os médicos do Sarah chegaram a fazer uma reunião com ele para dizer que aquela prática ia

contra a conduta dos desdobramentos e protocolos de recuperação. Então na reunião ele olhou para o médico e disse “Doutor, se minha mão quebrar o senhor consegue consertar, não é mesmo? Mas se minha cabeça quebrar, quem vai consertar? Ninguém! Então me deixa com o meu método, pois eu tenho certeza de que vai somar na minha vida” (Fernando, Revista em Dia, pag.2, 2012).

Ao falar sobre sua motivação para seguir em frente, enfrentando tantos obstáculos, ele diz que tudo serviu como incentivo para motivá-lo, desde simples atitudes de amigos, como mensagens e telefonemas, como também, de pessoas que ele nem conhecia, mas que enviavam bilhetinhos para o hospital desejando boas energias em sua recuperação. O incentivo de seu pai, que exigiu dele desde criança uma postura, forte diante de dificuldades e que estimulou nele características como garra e persistência e também contribuiu como um grande combustível em sua motivação. (REVISTA EM DIA, 2012).

Fernando Fernandes diz que por tido condições de realizar seu tratamento em um local de grande referência, permitiu-lhe realizar uma auto-reflexão ao observar a realidade de outras pessoas, e sentiu-se afortunado, por ter uma família e amigos lhe apoiando, por ter boa condição financeira para passar por aquilo. Viu diversas pessoas com dificuldades e lesões mais severas que as dele, então decidiu não desanimar. Outro ponto que ele atribui a sua motivação, foram os “nãos”, a cada frase que ele ouvia de que não poderia fazer isso ou aquilo, ele se enchia de coragem para provar o contrário. (REVISTA EM DIA, 2012).

Após correr a São Silvestre, embora tenha sido um desafio que lhe proporcionou satisfação, seu objetivo era apenas completar a prova, percebeu que não era o esporte que ele queria praticar. Foi no próprio Centro de reabilitação do Sarah Kubitschek que teve contato com a canoagem, descreve sua sensação ao sentar-se no caiaque, como a conquista da “liberdade”, já que na cadeira ele sentia-se preso. (KISSEDANI, 2019)

Curiosamente quando Fernando Fernandes descobriu a paixão pela canoagem, o esporte ainda não era uma modalidade parolímpica, mas ele disse que iria virar, e foi o que ocorreu um ano depois. Tornou-se Tricampeão de paracanoagem e com o desejo de servir de inspiração para os demais, também se preocupa em dar voz aos que não estão em destaque. Em entrevista recente ele diz que vencer tem um propósito nobre, que poder trazer à discussão em sociedade sobre acessibilidade e encorajar cada

pessoa que encontrar para que nunca desistam, e que chegar onde se quer não é um caminho reto e direto, mas possível. (THEML, 2019).

4 ATLETAS MOTIVADOS PARA VENCER NO ESPORTE E NA VIDA

Ao ler diversas histórias e entrevistas de atletas paralímpicos, estas duas em especial me chamaram a atenção, posso dizer que me tocaram a alma, Alan Fonteles, o menino que parece desconhecer o significado de impossível e Fernando Fernandes o jovem que não permitiu a deficiência lhe tirar os sonhos.

Entender os motivos que os levaram ao sucesso, á trilharem uma trajetória longe de ser fácil, e o que lhes motivou e continua motivando é o cerne desta reflexão.

Para que seja possível a compreensão dos elementos que os tornaram atletas que destacaram-se de forma tão peculiar em seus esportes, como aspectos motivacionais analisaremos:

- A) A influência da família na motivação dos atletas;
- B) Aspectos intrínsecos da motivação;
- C) Aspectos extrínsecos da motivação.

4.1 A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NA MOTIVAÇÃO DOS ATLETAS

Em ambas as histórias podemos perceber que os atletas buscaram no esporte, algo que lhes trouxessem, valores e significados, rompendo com suas condições físicas que seriam limitantes, lançaram-se na concretização de objetivos e metas dos quais sentiram-se estimulados e motivados, partindo da observação de outras pessoas (Weinberg e Gould, 2017). Alan Fonteles ao querer ser como seu ídolo Robson Caetano, e Fernando Fernandes quando se deparou na cadeira de rodas e observou como os demais atletas cadeirantes participavam de uma corrida. Visualizaram-se nestas condições projetando em suas mentes a possibilidade de alcançar tais resultados. Agiram em direção aos seus propósitos de maneira natural, partindo de suas visões pessoais a respeito daquilo que os motivava (WEINBERG e GOULD, 2017).

A maneira com a qual cada indivíduo percebe o mundo que os circunda, se projeta do que aprenderam no seio familiar. Independentemente do formato como as famílias se constituem, a maneira com a qual os membros pertencentes a elas

interagem e relacionam-se, servirá de modelo na construção de símbolos e valores, instigando ou não autoconfiança, como também a resiliência perante as dificuldades enfrentadas durante a trajetória de suas vidas. (IKEDA, 2003).

De acordo com Weinberg e Gould (2017), a autoconfiança é um fator determinante para o sucesso de atletas de alto rendimento. Este fator ultrapassa os limites do possível, pois os indivíduos projetam suas crenças de que podem suplantar quaisquer obstáculos e criam maneiras de chegar aos seus objetivos, por vezes utilizando criatividade, como Alan Fonteles faz em sua largada de forma única, da qual nenhum atleta até hoje conseguiu fazer igual e Fernando Fernandes, quando descobriu que em cima da cadeira de rodas poderia fazer muito mais que apenas deslocar-se. Ambos parecem ter grande influência familiar. Alan Fonteles, cresceu da maneira mais livre possível, brincando, correndo, pulando muro com suas próteses de madeira, estimulado por seus pais e Fernando Fernandes, sendo ensinado a nunca desistir e a ser forte e destemido, como ele cita em entrevista ao falar de seu pai.

4.2 ASPECTOS INTRÍNSECOS DA MOTIVAÇÃO

Segundo a perspectiva agêntica da teoria social cognitiva de Bandura (2008), somos agentes da nossa trajetória e autodesenvolvimento, e isso ocorre de maneira intencional, partindo do entendimento do objeto a ser alcançado e de como nos percebemos nele no futuro. Tal intenção correlaciona-se com que tipo de estratégias devem ser tomadas para que se chegue ao destino almejado, utilizando-se de ações efetivas para que seja possível e viabilizado cada passo a ser dado.

Para que tal ação ocorra, perceber-se como protagonista da própria história fará toda diferença na tomada de decisões, partindo de motivações profundas e internas, chamada de motivação intrínseca (Samulski, 2008). A formação da motivação intrínseca parte de tudo aquilo que acumulamos como informação afetiva, por parte das pessoas que nos são importantes, sejam incentivos positivos ou negativos. Estes farão com que seja influenciada a maneira como nos percebemos, se teremos autoconfiança ou não (WEINBERG E GOULD, 2017).

Os atletas ao depararem-se com os obstáculos e dificuldades impostas pelas circunstâncias, agiram de maneira ativa e não como meros espectadores da própria vida. Fernando Fernandes determinado a ressignificar sua vida, lutou para que aquilo

que traçou como meta fosse atingido, mesmo quando lhe era dito não ser possível. Alan Fonteles por sua vez, a cada treino exaustivo e com as dores e sangramentos dos cotos, via a situação como parte do processo para que chegasse a excelência no esporte. Não estavam sujeitos pura e simplesmente aos eventos circunstanciais, pelo contrario esses eventos parecem ter até mesmo estimulado-os a aguçarem ainda mais a motivação intrínseca (BANDURA, 2008)

Para que estes atletas pudessem, gerar mudanças e dar um novo significado às suas deficiências, precisaram quebrar paradigmas e acreditar em suas potencialidades, partindo de um esforço interno, focando no que queriam e podiam e não em suas limitações. Para que sejam geradas as realizações de cada individuo a maneira como se percebem, se veem parece fazer toda diferença, pois a autoconfiança será acionada, nos momentos de desafios e situações dos quais exijam ainda mais esforços (BANDURA, 2008).

Fernando Fernandes e Alan Fonteles atribuem à persistência em seus treinos, por algo maior do que simplesmente vencerem, ou tornarem-se medalhistas, Alan diz que sempre quis servir de inspiração para outras pessoas, encoraja-las a viver da melhor maneira, independentemente das suas condições, levar a mensagem de que ninguém é um desafortunado por ter uma deficiência e que se pode encontrar na vida novos significados e que se pode fazer o que quer, desde que se dedique. Fernando por sua vez quer que o esporte abra portas de discussões a respeito do tema, acessibilidade e lesão medular, para que outras pessoas possam sentirem-se representadas. As falas de ambos no que diz respeito às suas motivações, possuem características da motivação intrínseca conceito relacionado, as forças interiores, como resiliência, e a manutenção da confiança mesmo em momentos conflitantes e difíceis para que se chegue ao objetivo final, e possam sentir orgulho e sensação de realização como recompensa por seus esforços e determinação característica atribuída a motivação extrínseca (WEINBERG e GOULD, 2017).

4.3 ASPECTOS EXTRÍNSECOS DA MOTIVAÇÃO

Traçar metas e objetivos, idealizando uma forma de construção de vida, surge com expectativas que cada individuo possui, mas para isso é necessário que se tenha uma determinada referência como algo ou alguém que admiramos. Passamos a desejar e idealizar formatos e situações que nos levem a satisfação pessoal, seja

na vida em sociedade ou individual. De acordo com Bandura (2008), a modelação é uma forma de observação que influenciará nosso comportamento. Fazemos isso no cotidiano, quando passamos a consumir determinados produtos ou a nos comportar de forma semelhante ao um grupo específico. Partindo desta observação, surgem os interesses, por fatores externos, como posição social, boa condição financeira, reconhecimento por determinado feito, um bom relacionamento afetivo, etc.

Os atletas basearam-se em modelos, símbolos que os fizeram despertar para o caminho de conquistas. Alan Fonteles não admirava apenas Robson Caetano, como também, outros atletas portadores de deficiência bem sucedidos, fazendo-o desejar ter o mesmo ideal, chegar a ser um campeão, e ser reconhecido por sua competência e não por sua deficiência, como também ter melhores condições financeiras para ajudar sua família. Estes desejos são os fatores externos, que formam a motivação extrínseca (SAMULSKI, 2008).

Fernando Fernandes, até o momento do acidente, pode-se dizer que talvez tenha tido ótimas conquistas e oportunidades, seja na carreira como modelo, no esporte e em sua vida pessoal. Para ele a motivação extrínseca era encontrar uma forma, de continuar podendo lançar-se a objetivos e desafios e não “aposentar-se” em uma cadeira de rodas. Poder chegar a outros lugares e viver novas experiências que pudesse fazer sentir-se feliz e realizado novamente. Tornar-se um representante de atletas paralímpicos, tornou-se uma oportunidade de manter-se motivado, e tendo sua história reconhecida não como um fato trágico, mas como uma trajetória de superação. Ambas as motivações intrínsecas e extrínsecas estão diretamente interligadas, uma proporciona a outra gatilhos que despertarão o impulso para a realização, pode se dizer que a motivação extrínseca, o desejo de recompensa ativa a motivação intrínseca que são os valores que cada individuo carrega consigo para a realização de uma tarefa ou especificamente no esporte, a excelência do atleta (SAMULSKI, 2008).

5 CONCLUSÃO

Ao ler as histórias e assistir as entrevistas dos atletas Alan Fonteles e Fernando Fernandes, posso dizer que cresceu ainda mais minha admiração por ambos. Não por serem indivíduos ou atletas que superaram suas limitações físicas, mas porque despertaram para o autodesenvolvimento, demonstrando com atitudes nobres o quanto cada um de nós é capaz de superar infortúnios e dificuldades que apresentam-se em nossa trajetória de vida.

No decorrer deste trabalho procurei refletir sobre os aspectos que os motivaram como atletas e como tornaram-se referências em seus esportes. Seria possível afirmar, que não somente um, mas o conjunto de fatores propiciaram as escolhas e os caminhos a serem percorridos.

A motivação extrínseca ativa a intrínseca, mas para que a segunda seja direcionada para o sucesso parece depender da formação dos indivíduos, das intervenções realizadas no período da formação do caráter de cada um, e destaca-se a família como a base sólida destes dois atletas. No decorrer da preparação e treinos esportivos destes atletas, pode ser observado que outras pessoas como técnicos, treinadores, professores e etc, lhes foram importantes, nos incentivos, acreditando e instigando cada um a evidenciar o máximo de suas potencialidades.

O trabalho do psicólogo esportivo ao trabalhar com as expectativas, medos, frustrações, inseguranças e toda demanda humana, que constitui o trabalho esportivo, proporciona ajustes que contribuirão de forma clara para a conquista de objetivos, não somente o trabalho diretamente com os atletas, mas com toda equipe envolvida, que estará melhor bem preparada para converter situações adversas, em condições de mudanças positivas que contribuirão com o processo da motivação, para que não somente se tenha a motivação inicial, mas que se mantenham motivados na trajetória esportiva.

REFERÊNCIAS

APC Campinas. Live com Alan Fonteles sobre Perspectiva de um Atleta no Atletismo Paralímpico. **Youtube**, 14 mai. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8TuZqj1qfNg&ab_channel=APCCampinas> Acesso em: 13/09/2020.

ASSIS, J. **Para-Heróis**. Caxias do Sul: Belas-Letras, 2014.

BANDURA, A; AZZI, R. G.; POLYDORO, S. **Teoria Social Cognitiva**: conceitos básicos. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BRASÍLIA. **Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília: Presidência da República, [2015]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm> Acesso em: 16/10/2020.

CARVALHO, C. A. **Psicologia do Esporte**: Construindo sua História. Revista Brasileira de Psicologia do Esporte, 2016. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBPE/article/view/6729/4297>>. Acesso em: 16/10/2020.

Comitê Olímpico Brasileiro. Disponível em: <<https://www.cob.org.br/pt/>>. Acesso em: 16/10/2020.

Comitê Paralímpico Internacional. Disponível em: <<https://www.paralympic.org/ipc/history>> Acesso em: 16/10/2020.

Fernando Fernandes Life. Disponível em: <<http://www.fernandofernandeslife.com/biografia>> Acesso em: 13/10/2020.

FERREIRA, Gabriela. Desenvolvimento do esporte paralímpico para deficientes visuais: uma revisão bibliográfica. Campinas, 2015. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?view=000969323>>. Acesso em: 16/10/2020.

HAIACHI, M.C. *et al.* Reflexões sobre a carreira do atleta paraolímpico brasileiro, **scielo.br**, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v21n10/1413-8123-csc-21-10-2999.pdf>> Acesso em: 12/09/2020.

IKEDA, D. **A Família Criativa**. São Paulo: Editora Brasil Seikyo Ltda, 2003.

KISSEEDANI. Fernando Fernandes – Vida, Trajetória e Recomeços. **Youtube**, 16 mai. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kb3WU2zgQC8&ab_channel=Kissedani> Acesso em: 14/10/2020

Revista em Dia. Disponível em:
 <<http://www.revistaemdia.com.br/net/index.php/fernando-fernandes-superacao-pela-forca-do-esporte/>> Acesso em: 13/09/2020.

RUBIO, K. Da psicologia do esporte que temos à psicologia do esporte que queremos, **scielo.br**, 2007. Disponível em:
 <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-91452007000100007> Acesso em: 12/09/2020.

SAMULSKI, D. **Psicologia do esporte**: conceitos e novas perspectivas. São Paulo: Manole, 2008.

SAMULSKI, D. Psicologia do Esporte: Intervenção Prática. **Revista Paulista de Educação Física**. 1988. Disponível em:
 <<https://www.revistas.usp.br/rpef/issue/view/10151/1103>> Acesso em: 12/09/2020.

SAMULSKI, D; NOCE, F. Perfil psicológico de atletas paraolímpicos brasileiros, **scielo.br**, 2002. Disponível em:
 <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-86922002000400005&lng=pt&tlng=pt> Acesso em: 12/09/2020.

Secretaria Especial do Esporte. Entrevista: Alan Fonteles. **Youtube**, 08 nov. 2013. Disponível em:
 <https://www.youtube.com/watch?v=UB7AsUyPWIY&ab_channel=SecretariaEspecialDoEsporte> Acesso em 13/09/2020.

THEML, Geronimo. Batalha interior, medo e desafio.com Fernando Fernandes. **Youtube**, 31 mai. 2019. Disponível em:
 <https://www.youtube.com/watch?v=tinP8hVWs2Y&ab_channel=GeronimoThe>
 Acesso em: 14/10/2020.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. Porto Alegre: Artmed, 2017.